

Maria Beatriz
de Medeiros
(Bia Medeiros) >
Alla Soub
(Mariana Brites) >>

O conceito de mar(ia-sem-ver)gonha e a fuleragem/performance *Mogno e Mais* do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos

Resumo

O presente texto trata do conceito de mar(ia-sem-ver)gonha, desenvolvido a partir dos conceitos de árvore e rizoma de Deleuze e Guattari, pelo Grupo de pesquisa Corpos Informáticos, e se abre sobre a *fuleragem/performance* iterativa *Mogno e Mais* do mesmo grupo. Ele afirma que somos todos meio árvore, meio rizoma, meio Maria, meio sem vergonha e convida para o sensível.

Palavras-chave: Mar(ia-sem-ver)gonha. Corpos informáticos. Fuleragem/performance. Iteração.

Abstract

This text deals with the concept of *mar(ia-sem-ver)gonha* ('mary without shame', name of a flower existing in Brazil), developed from the concepts of tree and rhizome of Deleuze and Guattari, by the Research Group Corpos Informáticos, and opens for the iterative performance/*fuleragem Mogno e Mais* (Mahogany and More) of the same group. He states that we are all half-tree, half-rhizome, half-Maria, half shameless and invites to the sensitive.

Keywords: Mar(ia-sem-ver)gonha. Corpos informáticos. Fuleragem/performance. Iteration.

> Maria Beatriz de Medeiros (Bia Medeiros) é artista, performer, fuleira e é Doutora e Pós-doutora em Artes, Filosofia e Arte e Tecnologia (Universidade Paris 1-Sorbonne, Collège International de Philosophie, UFRJ, respectivamente); professora na Universidade de Brasília, bolsista PQ-CNPQ. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. Email: mbmcorpos@gmail.com

>> Alla Soub (Mariana Brites) é artista, performer, fuleira e é doutoranda em Artes na Universidade de Brasília, bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos desde 2010. Email: allasoub44@gmail.com

“Diga que me odeia
 Mas diga que não vive sem mim
 Eu sou uma praga
 Maria sem-vergonha do seu jardim”
 (LEE, 1993)

Quando falamos de performance, que (não) convenciamos chamar “fuleragem”¹ (*sic*), arte (ou não) fuleira, nos referimos, muitas vezes, ao conceito de mar(ia-sem-ver)gonha. Esse conceito foi desenvolvido no seio do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos². Ele é devir *fuleragem* das construções teóricas de Gilles Deleuze e Félix Guattari quando esses se referem aos conceitos de árvore e rizoma.

A lógica binária é a realidade espiritual da árvore-raiz. Até uma disciplina “avançada” como a Lingüística retém como imagem de base esta árvore-raiz, que a liga à reflexão clássica. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13)

Adoramos quando Deleuze e Guattari riem, também, da Lingüística [“Demos a ele (Ao livro *Mil Platôs*) uma forma circular, mas isto foi feito para rir”. Lembremos: é Heidegger que dá forma circular aos seus livros.]: “uma disciplina ‘avançada’” como a Lingüística: uma “lógica binária”, “árvore-raiz”, “reflexão clássica”.

A raiz principal [de um rizoma] abortou, ou se destruiu em sua extremidade: vem se enxertar nela uma multiplicidade imediata e qualquer das raízes secundárias deflagram um grande desenvolvimento. (*Ibid.*, p. 14)

Nós, Corpos Informáticos, entendemos que toda árvore é meio raiz e toda raiz é meio árvore, assim como somos todos “meio Leila Diniz” (*Todas as Mulheres Do Mundo*, de Rita Lee). Se tomarmos uma árvore em um nível macrofísico, veremos que a árvore é um quase rizoma com inúmeros exemplares de árvore-irmãs, primas e tias em um sistema “a-centrado”, como um rizoma. E, se tomarmos um rizoma em um nível microfísico, veremos

1 Desde 2010, quando houve as exposições *O Artista Está Presente* de Marina Abramovich, no MoMA-NY, e *100 anos de Performance*, no PS1, simultaneamente, tornando a performance definitivamente institucionalizada, (não) convenciamos chamar nossas ações “fuleragem”. Se a performance está institucionalizada, já não mais a queremos.

2 Corpos Informáticos é grupo de pesquisa prática e teórica. Fundado em 1992, na Universidade de Brasília, realiza performance/fuleragem, composição urbana (C.U.), videoarte, webarte; organiza eventos e (e)ventos. Corpos Informáticos: AIIA Soub (Mariana Brites), Bia Medeiros, Maria Eugênia Matricardi, Matheus Opa, Natasha de Albuquerque, Zmário (José Mário Peixoto) e mais: sempre cabem Corpos Expandidos. Apoio: UnB, CAPES, CNPq.
www.corpos.org
www.corpos.blogspot.com.br
www.performancecorpopolitica.net

que cada recorte do rizoma-grama é uma quase árvore: raiz única, tronco, folhas. Assim, partindo destes conceitos, pensamos, primeiramente o conceito de Maria-sem-vergonha (*Impatiens Walleriana*, também conhecida como “alegria-do-lar”, possuindo uso medicinal como calmante). Maria-sem-vergonha é raiz e rizoma simultaneamente: raízes, troncos, folhas, flores, frutos (carpelos) e sementes (valvas). E, como isso “foi feito para rir”, seus frutos explodem divertidamente.

Quando ocorre a ruptura da camada de separação dos carpelos, as valvas se expandem nos lados externos, enrolando-se e expelindo as sementes do fruto, explosivamente. (SIQUEIRA, 2006, p. 324).

Maria-sem-vergonha interessa por ser como nós, brasileiras: fuleiras, necessitamos de muito sol e muita água; somos exóticas, invasoras, originárias da África, explosivas. A Maria-sem-vergonha é uma espécie nativa da região de Quênia e de Moçambique. Outros dizem original de Zanzibar. Assim, ela é como nós: brasileira. É uma planta perene, como nós, perenes na efemeridade.



Figura 01:
Maria-sem-vergonha,
carpelos e valvas.
Foto e montagem:
Bia Medeiros (2006).

As folhas são alternadas, como nós, alternadas: samba, carimbó, rock, meio punk, meio funk, meio fêmea, meio furta-cor e totalmente vermelha. As flores possuem cinco pétalas e podem ser coloridas e diversas, como nós. A Maria-sem-vergonha é capaz de florescer em terrenos úmidos e sombreados, mas também em frestas de concreto nas cidades duras, como nós: errantes, ambulantes, boêmias e fuleiras.

A palavra “vergonha” deriva do latim clássico “ve re cundia”: medo respeitoso, pudor; derivada de “vere ri”: temer, respeitar. E, como isto “foi feito para rir”: em francês a palavra é apenas utilizada na locução “sem vergonha”,³ não havendo, portanto, na França, pessoas com vergonha.

A vergonha pode ser uma ação, ou mesmo um pensamento, repreensível por transgredir uma norma ética, uma regra consensual de um grupo social ou de uma sociedade. Em geral, esta ação é considerada vil e/ou degradante. O resultado, muitas

vezes, é humilhação, sentimento de culpa, vergonha. A arte, sem vergonha, é ação, composição e decomposição (Spinoza), frente a normas éticas determinadas por uma sociedade heteronormativa branca. Ela foge às regras, muitas vezes estúpidas e aprisionadoras de corpos, mentes e sensibilidades. Não temos vergonha, tiramos a roupa, corremos e gritamos “eu falo”, repetidamente, até à exaustão⁴.

Na consecução (revolução sinódica da Lua) desdobramos a palavra “maria-sem-vergonha”, pois queremos causar o “drama das línguas” (GLISSANT, 2013), e transformamos a maria-sem-vergonha em

Mar (**ia-sem-ver**) gonha

e, ainda em

ia-sem-ver
sem vergonha
mar gonha
()

ia-sem-ver interessa à performance e à fuleragem: estas não linguagens desejam com todos os sentidos. Então, cabe a desvalorização da visão superestimada nos dias de hoje: para onde olhamos há o que ver: há publicidade (de publicizar: tornar público) e propaganda (de propagar, muitas vezes com forte apelo político-normativo) e/ou propaganda-publicidade: nas costas dos assentos de bancos em ônibus, trens e aviões; em outdoors e filipetas; nas camisetas e sacolas. Há espelhos por toda parte, tudo reflete, do micro-ondas ao celular, e pessoas ainda se enchem de si mesmas (*selfies*). Onde o silêncio dos olhos? Onde os olhos do silêncio para ouvir? Imprestáveis cheiros são invisíveis de tanto ver inexistentes. Assim, também são invisíveis os portadores de cheiros (cheirosos) e dores deitados nas ruas por toda parte: fuleiros esquecidos pelo sistema capitalista.

A fuleragem vai sem ver, sem temer, toca, sente, desliza, desfila e desfia, beija e é sem vergonha.

Safatle afirma que, segundo Hobbes (2016, p. 16), “de todas as paixões, a que menos faz os homens tender a violar as leis é o medo [...] é a única coisa [o medo] que leva os homens a respeitá-las”; [...] a tese principal é que o medo como afeto político central é indissociável da compreensão do indivíduo. [...] ao destino da categoria de indivíduo e seu fim necessário” (*Ibid.*, p. 17-18). O fim necessário do indivíduo é uma premência. E, para nós, que somos grupo de pesquisa, investigação em arte: performance, composição urbana (C.U.); um grupo com uma média de 10 membros; reuniões; ações nas ruas em diferentes cidades do Brasil, implicando viagens coletivas, compartilhamento

4 Referência ao vídeo *Diota*, de Natasha de Albuquerque. Disponível em <https://vimeo.com/194573362>. Acesso em 05 out. 2018. *Diota* é um trabalho desenvolvido na residência artística Participação Performance Política 2016. [...] Em *Diota*, o fracasso torna-se evidência. Propõe-se uma corrida em um lugar devastado com intuito de cair, de revés. As interações modificam a narrativa. A sensação de perplexo transforma a ação em absurdo – jogo sem lógica ou paradoxo do acontecimento: eu falo, eu falo, eu falo, eu falo. (ALBUQUERQUE, 2016).

de quartos, barracas, toalhas de banho; produzindo, do material coletado, fotografias e vídeos, websites e blogs: um corpo que se quer sem órgãos para fazer um corpo com o grupo, para fazer um corpo, político. É preciso não temer, não ter medo, ser sem vergonha, afirmamos.

mar gonha

Quanto à margonha, pela semelhança da palavra com a palavra “maconha”, costumamos dizer que estamos plantando a margonha com sucesso e produzindo-a sem agrotóxico para consumo próprio e para amigos. Seus efeitos são benéficos à saúde e temos militado pela liberação de seu uso tanto para lazer quanto para medicinas.

Interessante notar que “margonha” foi uma sugestão feita durante uma palestra. Os parênteses, também foram uma sugestão do público durante outra palestra. Sendo militantes pró-iteração⁵, vamos aos poucos aperfeiçoando conceitos com a participação dos iteradores.

Assim, em passeio pelas 400⁶, Bia Medeiros percebeu, no chão, um pedaço de casca de semente de mogno e relacionou-a aos () da mar(ia-sem-ver)gonha e/ou a uma buceta que faltava pensar na (de)composição do termo “mar(ia-sem-ver)gonha”.

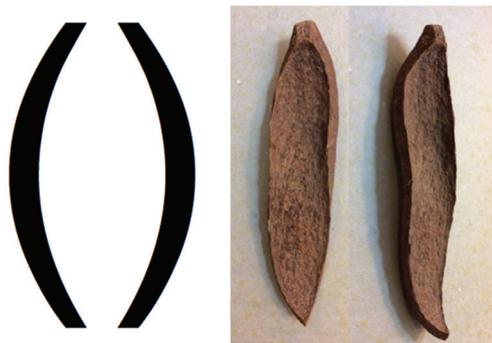


Figura 02:
Parênteses e foto de pedaço de casca de mogno. Fotos: Bia Medeiros (2018).

Quando um corpo encontra outro corpo, ou uma ideia, outra idéia (os dois se dão simultaneamente, às vezes acontece que os dois compõem para formar um todo mais poderoso, às vezes um decompõe o outro e destrói a coesão de suas partes. A ordem das causas é, portanto, uma ordem de composição e decomposição. (KOUADIO, 2007, tradução nossa)⁷

5 Deleuze e Guattari, assim como Derrida, referem-se ao conceito de “iteração: conceito mais amplo e aberto que o de ‘interação’”. *Iteración*, em espanhol, é repetição. Deleuze, Guattari e Derrida, cada um ao seu jeito, pensam a diferença na repetição. *Corpos Informáticos* amplia. Na interação, caminho por caminhos pré-estabelecidos pelos conceituadores do projeto, da obra. Videogames são interativos. A participação iterativa é colaborativa, co-labor-ativa, prevê a participação ativa do espectador, a possibilidade de modificação da proposta artística pelo iterador.

6 “Pelas 400”, para brasileiros, possui fácil compreensão: andando ao longo das quadras 400, isto é, pela calçada do eixo L1.

7 “Quand un corps rencontre un autre corps, ou une idée une autre idée (les deux se font parallèlement), il arrive tantôt que les deux se composent pour former un tout plus puissant, tantôt que l’un décompose l’autre et détruit la cohésion de ses parties. L’ordre des causes est donc un ordre de composition et de décomposition”. Disponível em <http://sos.philosophie.free.fr/spinoza.php>. Acesso em 01 out 2018. *Corpos informáticos* faz performance de rua e não as denomina “intervenção urbana”. Nossas ações e/ou instalações são denominadas “composição urbana”, entendendo-a como composição e decomposição com a *urbis*.

A buceta/vagina/xoxota não representa a falta de algo, como queria Freud. A vagina faz falta, e encontrar essa outra vagina vem dando nascimento a muitos encontros e/em muitas ações, dentre elas: *Mogno e Mais*. O encontro com a alteridade na rua pode ser maria-sem-vergonha, pode ser pedaço de casca de mogno/buceta, pode ser ariranha. A observação/ação se concretiza no desconhecido e no desvio. Compomos uma ação em coletivo, ao irmos para a rua em busca de (des)encontros, (de)composição, errância (onde cabe o erro). Corpos Informáticos se lança: movimento-momento.

As primeiras ações *Mogno e Mais* foram realizadas por Bia Medeiros em espaços institucionais, a saber: Galeria Elefante⁸ e Museu da República, ambas em Brasília. Essas ações foram quase solenes, apenas com objetos de prata. O mogno (Aguano, Uruputanga, Mahogany, Swietenia Macrophylla, ou ariranha, como chamamos carinhosamente o pedaço de casca de mogno), espécie em extinção, possui uma madeira avermelhada que logo notamos também ser uma propriedade do pedaço de casca: molhado, ele solta uma tinta avermelhada. Lembremos, a carícia também nos parece meio em extinção.



Figura 03:
Performance *Mogno e Mais*. Por Bia Medeiros. Galeria Elefante, Brasília, 2014. Foto: Pam Guimarães.

A performance *Mogno e Mais*, agora muitas vezes realizada nas ruas, consiste em mear mognos, isto é, metamorfosear mognos derramando uma cola morna feita de fécula de mandioca (tapioca) “no ponto de porra”, nos pedaços de casca/ariranhas. A sensação, para aqueles que se deixam envolver, é a de encontrar uma buceta úmida e quente. Segue-se a proposta ao iterator:

“_ Experimente; passe o dedo na peça de cima para baixo, mais ou menos lentamente; relaxe; sinte”.

As reações são as mais diversas: um relaxamento de boca acontece muitas vezes; por vezes, um riso já um pouco nervoso; por vezes, em grupo, muitos risos; por vezes nada: “_ Não entendi nada”. As reações são engraçadas:

Excitada: “_ Preciso ir para casa rápido, encontrar meu marido.” (Chile)

Rindo para os colegas, o adolescente diz: “_ Você não sentiu nada porque ainda não experimentou [uma mulher].” (São Paulo)

Se acabando de rir: “_ Vou levar para casa e mostrar pro *boy* como eu tenho que ficar antes que ele comece.” (São Paulo)

Ainda em São Paulo, ao oferecermos “uma experiência sensorial prazerosa”, ouvimos:

“_ Não, obrigada, estou com deus.” Nós, maria-sem-vergonhas, estamos fluidas em vulvas e valvas e, no caminho, tantas outras deusas conosco sabem prazer.

No final da performance, em São Paulo, uma iteradora, que acompanhou toda a ação, sugeriu criar uma luminária com mognos. A presenteamos com os mognos que nos sobravam. Ela afirma: “_ Será feita com sobreposição de xoxotinhas de onde sairá luz”. O que poderia ser guardado para uma próxima ação, assume o desvio desconhecido, lembrança imaginária do que pode estar acontecendo com nossas ariranhas.



Figura 04:
Iterator e seu Japamala. Encruzilhada da Cásper Líbero e rua Mauá, Luz, São Paulo.

No Rio, a performance foi denominada pelos iteradores como “experiência ecossexual transamazônica, quase em extinção, que não vamos deixar morrer porque somos bonitas e estamos com raiva”. Trata-se de investigar sobre como sentir prazer sexual no meio da rua: *Mogno e Mais*, mais prazer, mais sexo, mais vida, mais sem vergonha, mais ir-sem-ver deixando-se escorrer errante. Não temos vergonha, tiramos a roupa, corremos e convidamos pessoas a bater siririca na rua, repetidamente, até à exaustão.



Figura 05:
Mogno e Mais. Evento Transincorporados, Museu de Arte do Rio, 2018. Na foto (à esquerda) Kali Ingrid (Corpos Expandidos) e iteradoras.

Elizabeth Medeiros Pacheco, referindo-se ao seu trabalho *O Corpo sem álibi*, desenvolvido em grupo na Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, afirma:

Trata-se de potencializar o corpo, num regime de operação de movimento muito diferente do cotidiano. Trata-se de expandir os possíveis do corpo. Só assim, ele poderá ser canal para a expressão das mais variadas cenas, das cenas que chocam, emocionam, provocam, aliviam, enfim, produzem mundos. É dessa forma que se apresenta um real ficcionado, cheio de graça, de fabulações, que transforma o corpo em arte pura. (PACHECO, 2017, s/n).

Pacheco aproximou-se quando estávamos perto de findar a ação e ficou bem curiosa. Estava com um grupo que ia realizar uma ação no dia seguinte, no evento Transincorporados (Museu de Arte do Rio, 2018), do qual também participávamos. Enquanto conversou interessada, juntou-se ao mogno (“potencializar o corpo”), com suas mãos, de forma intensa (“expandir os possíveis do corpo”). Quando percebeu, suas mãos estavam vermelhas como a de nenhuma outra pessoa tinha ficado (“produzir mundos”). Afirmou: “_ Tornei-me mogno. Sou um vegetal.” (“Real ficcionado, cheio de graça, de fabulações, que transforma o corpo em arte pura.”) Depois afirmou que uma de nós era inseto, a outra planta, a outra...

Ações e reações são intraduzíveis em palavras. O gozo em tapioca se faz no corpo, que escorre nas calcinhas-cuecas



Figura 06:
Mãos de Elizabeth Medeiros Pacheco após manipulação de mogno com tapioca. Evento Transincorporados, Museu de Arte do Rio, 2018.

e jorram pelas mãos. Caberiam mais experiências, metáforas e incorporações. O fim não está dado. A ação segue buscando não ponto de encontro, pois “ponto” é apenas uma convenção, um sinal de pontuação de gramáticas. Na passagem, busca-se mogno, maria-sem-vergonha, mar(ia-sem-ver)gonha, o quente, o “ponto de porra”, o encontro, o sensível, o ponto sinal.

Octavio Paz (1977, p. 23) afirma que Duchamp “[...] preferiu substituir a ‘pintura-pintura’ pela ‘pintura-ideia’. Esta negação da pintura que ele [Duchamp] chama de olfativa (por seu odor de

terebintina) e retiniana (puramente visual) foi o começo de sua verdadeira *obra*".

E já que "isto foi feito para rir" – assim como a vida –, para concluir gostaríamos de citar uma das músicas de nosso espetáculo/performance/fuleragem *Maria-sem-vergonha*, realizado em 2009/2010 em Brasília, entorno e Goiânia⁹:

Na minha casa tem um pé de siririca
Mas minha mãe disse que pode viciar
Mas da janela pareci tão bonita
Que dessa fruta resolvi provar

Pé de siririca ô ô
Pede siririca que eu dô (2 X)

Maracujá, goiaba, amora, tangerina
Como é gostosa essa fruta siririca
Maracujá, goiaba, amora, tangerina
Como é cheirosa essa fruta siririca

Pé de siririca ô ô
Pede siririca que eu dô (2 X)

Mas minha filha isso não é flor que se cheire
E dessa fruta não se deve lambuzar
Eu já te disse que essa tal de siririca
É perigosa e ela pode viciar

Pé de siririca ô ô
Pede siririca que eu dô (2 X)

E, voltando a Octavio Paz, diríamos que não fazemos nem 'pintura-pintura', nem 'pintura-ideia', nem verdade, nem *obra*. Nossa passagem é olfativa, retiniana, ideia tocável, mar vermelho, vulva e valva; meio árvore, meio rizoma; meio mogno, meio mandioca, meio maria e totalmente sem vergonha.

Referências

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- LEE, Rita. Todas as Mulheres do Mundo. In: _____. **Rita Lee**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1993. 1 CD. Faixa 7 (4 min 33).
- KOUADIO, Colette. Spinoza. **SOS Philosophie**. 2007. Disponível em <http://sos.philosophie.free.fr/spinoza.php>. Acesso em 01 out 2018.
- MEDEIROS, Maria Beatriz de. Presença e organicidade: Corpos Informáticos, Performance, trabalho em grupo e outros conceitos. **Revista do LUME**, n. 4, dez 2013. Campinas: UNICAMP, 2013. Disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/viewFile/277/257>. Acesso em 05 out 2018.
- MEDEIROS, Maria Beatriz de. Suggestions of concepts to reflect on contemporary art based on the theory and practice of the Corpos Informáticos Research Group. **Art Research Journal**, Natal, v. 4, n. 1, p. 33-47, Jan. / Jun. 2017. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/11808/8940>>. Acesso em 06 out. 2018.
- PACHECO, Elizabeth Medeiros; GOMES, G. B.; LOBO, T. P.; MATA, K. J. O corpo cultivado da arte. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, maio/ago. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5159/5013>>. Acesso em 04 out. 2018.
- PAZ, Octávio. **Marcel Duchamp ou O Castelo da Pureza**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- SAFATLE, Vladimir. **O Circuito dos Afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SIQUEIRA, Josafá Carlos de. Bioinvasão vegetal: dispersão e propagação de espécies exóticas no campus da PUC-Rio. **Revista Pesquisas-Botânica**, n. 57. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/botanica57/artigo16.pdf>. Acesso em: 1 out. 2018.